CHE - CÂMARA DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E EDUCAÇÃO (COMUNICAÇÃO COORDENADA)

NOME: VANESSA LORENA ANASTÁCIO

TÍTULO: UM POVO DA PALAVRA: A ORALIDADE, O CONTADOR DE HISTÓRIAS E A EDUCAÇÃO XAKRIABÁ

AUTORES: VANESSA LORENA ANASTÁCIO, VANESSA LORENA ANASTÁCIO, JOSÉ MIGUEL DE SOUZA LOPES

PALAVRA CHAVE: EDUCAÇÃO INDÍGENA, SABERES, MODOS DE PRENDIZAGEM, ORALIDADE

RESUMO

Os Xakriabá vivem hoje numa reserva localizada no município de São João das Missões, região norte de Minas Gerais. São 54 mil hectares de terra onde vivem cerca de 13.000 indígenas em 33 aldeias e 3 subaldeias. O convívio dos indígenas com a cidade, mesmo os mais jovens, é esporádico e/ou periódico, o que faz com que alguns valores estéticos antigos estejam vivos em seu cotidiano. O verso, a música, a voz poética preenchem a atmosfera da Reserva Indígena. Neste contexto, a Palavra que traduz a voz poética das manifestações orais se materializa na figura do contador e da contadora de histórias, ora brincante, ora folião e foliã, Homens e Mulheres Da Palavra.

Na Terra Indígena Xakiabá, mesmo com a introdução da escrita através da escola e das práticas de alfabetização nela inseridas desde 1930, – no período de 1930 até 1997 temos um atendimento ainda incipiente das escolas no território no que tange o número de vagas e de profissionais – estão preservadas várias manifestações da oralidade e discursos tradicionais. A introdução das escolas estaduais indígenas pelo Programa de Implantação das Escolas Indígenas de Minas Gerais (PIEI-MG), em 1997, intensificou o contato dos indígenas com a cultura escrita através da escolarização. Atualmente os Xakriabá possuem oferta escolar que garante vagas para quase a totalidade das crianças e adolescentes em idade de cursar o ensino fundamental. O que se observa é que mesmo com a acelerada expansão da escolarização e consequentemente da cultura escrita no território, a linguagem utilizada pelos Xakriabá é predominantemente oral, mesmo ao utilizar a escrita esta contém fortes marcas de oralidade.

Esta pesquisa se debruça sobre a Palavra dos Contadores de Histórias na Terra Indígena Xakriabá, sua voz poética, as ressonâncias produzidas por esta Palavra na comunidade em seus modos de aprendizagem. Sendo eu mesma contadora de histórias posso experimentar cotidianamente as várias funções da “palavra” falada que perpassa períodos históricos, crenças, tradições e costumes do dia a dia de um povo. Em meu flaneur por comunidades indígenas e quilombolas nos últimos 10 anos direcionei o olhar para as histórias contadas e para os sujeitos que contavam. Percebi o quanto nestes lugares o Homem ainda está ligado à sua palavra. “Ele é a a palavra, e a palavra encerra um testemunho do que ele é.” (Hampaté Bâ, 1962). O conto oral é um saber, é produto da conjunção de uma história ancestral conhecida e memorizada, por este motivo ele revela muito da identidade dos sujeitos que o preservam e garante a vivacidade da memória do coletivo.

Mas de que Palavra estamos falando? A voz e a maneira como nos relacionamos com ela é certamente constituindo-a pela cultura em que está inserida. Nosso modo de pensar, nossa compreensão do mundo são também mediados pela voz e atravessados pela cultura. A voz precede a linguagem, mas é também linguagem na medida em que uma mesma expressão pode mudar de sentido dependendo da ressonância da voz. A voz humana tem um papel decisivo no modo como educamos ou somos educados, na nossa forma de agir, decidir, exercer nosso ser político e está completamente vinculada com a cultura. Compreender de que voz se está falando é não reduzi-la apenas à transmissão, mas conduzi-la ao saber que se deseja. A palavra é modulada pela voz, na narrativa oral a palavra falada é corpo é, assim como a voz, carregada de valores significantes – Palavra. Pela voz a palavra torna-se ato simbólico, ela é trazida ao mundo pelo corpo e pela memória, se configura em material e imaterial, tangível e intangível.

Procuro neste trabalho não problematizar as relações e contradições existentes entre cultura oral e cultura escrita na educação Xakriabá. Mas sim, em torno dos Homens e Mulheres da Palavra, compreender a educação na TIX a partir de algumas lacunas existentes nos estudos sobre educação indígena neste território: buscar entender alguns elementos da educação Xakriabá a partir das práticas culturais deste povo e não somente da escola; problematizar a voz poética dos contadores de histórias, suas reverberações e ressonâncias nos modos de aprendizagem da cultura Xakriabá.

Este estudo agrega educação e cultura e se insere no campo da pesquisa qualitativa em educação, orientada por uma perspectiva etnográfica. Para a investigação proposta desenhei um diálogo interdisciplinar orientado por alguns autores da literatura, antropologia e educação. Começando por situar e entender o contexto da pesquisa foi realizado um levantamento bibliográfico explorando estudos sobre indígenas no Brasil de diversos autores. Para compreender o estudo da Palavra, da voz poética dos Contadores de Histórias na TIX, seus significados/significantes e ressonâncias Paul Zumthor (1997) traz a importante noção de movência do texto oral e a ênfase na transmissão da força energética e teatralizante que ele assumiu como “performance” no sentido de “texto em presença”, Walter Benjamin completa a partir de seus estudos sobre o narrador e a experiência comunicável junto à noção de “homem memória” de Jacques Le Goff.

As experiências e modos de aprendizagem serão problematizados a partir das ideias da antropologia da educação e da educação explicitadas por Jean Lave, Ana Maria Rabelo Gomes, Jorge Larrosa Bondía e Bernard Charlot em diálogo com a perspectiva teórica de Madalena Pinto dos Santos sobre comunidades de prática onde os indivíduos, as suas práticas e o mundo são mutuamente constitutivos.

Por fim, este estudo amplia o conhecimento sobre a educação indígena Xakriabá. Ao se orientar pela tríade oralidade/memória – modos de aprendizagem – prática pedagógica, esta pesquisa traz elementos para refletir sobre muitos desafios da pesquisa e da educação no território, buscando compreender os processos e as práticas culturais dos indígenas indo além das práticas descritivas que se anunciam há décadas, eliminando a forte ideia de homogeneização cultural e de educação como perpetuação de uma ordem social.